



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Copom se reúne com decisão em aberto

O destaque da agenda doméstica é a reunião do Copom, que ocorrerá nos dias 7 e 8 de maio, para a qual a expectativa da maioria dos economistas migrou para um corte de 0,25 pp, que levaria a taxa Selic para 10,50% aa. Contudo, diferente das reuniões anteriores, nas quais a decisão era amplamente esperada, desta vez a decisão entre um corte de 0,25 pp ou de 0,50 pp parecem igualmente prováveis. A mudança das expectativas para um corte de apenas 0,25 pp decorreu da alteração da meta fiscal pelo governo e da piora das condições externas, especialmente em função da postergação da expectativa de queda dos juros nos EUA. Com isso, o próprio presidente do Banco Central, Roberto Campos, e alguns dos diretores da instituição, sugeriram que com a mudança do cenário, a decisão do Copom poderia ser diferente da indicada em sua última reunião. Contudo, nas últimas semanas, observou-se uma dissipação das incertezas externas (crise no Oriente Médio), inclusive com sinais mais benignos vindos da economia norte-americana, que levou a uma reversão, pelo menos parcial, da alta do dólar internamente. Assim, até o momento, a decisão parece estar em aberto, entre os cortes de 0,25 e 0,50 pp. Ainda, importante observar também se a decisão será unânime ou se haverá alguma divisão no Colegiado e, se isto acontecer, os argumentos apresentados por cada uma das alas divergentes. E, por fim, se o comunicado indicará qual o espaço adicional para novas quedas de juros e com que velocidade, ou se vai se limitar a pontuar que o Copom não se comprometerá com movimentos futuros e que novas decisões vão depender da evolução da conjuntura e dos indicadores que serão divulgados até a próxima reunião.

Na agenda de indicadores, o IBGE divulga na sexta (10) o resultado do IPCA de abril, que deve seguir em processo gradual de desaceleração. A expectativa do consenso é de uma alta de 0,35% no mês, com pressão concentrada nos preços dos alimentos *in natura* e medicamentos. Com isso, no acumulado em 12 meses, o índice deve seguir em desaceleração, atingindo 3,66% (ante 3,93%). Já a FGV divulga o IGP-DI de abril, na quarta (8), que deve voltar ao terreno positivo após três meses em deflação, refletindo especialmente o aumento dos preços dos produtos agropecuários no atacado, sugerindo que a inflação dos alimentos tende a seguir pressionada no varejo no curto prazo.

Em relação à atividade, na quarta (8) será conhecido o resultado do varejo de março, que deve confirmar um bom crescimento do setor no trimestre. A expectativa do consenso é de uma alta de 0,7% do varejo (conceito ampliado) no mês, levando o setor a registrar uma forte expansão de 3,2% no 1T24. O resultado tende a indicar que o consumo das famílias cresceu de forma relevante no início do ano, beneficiado pelo mercado de trabalho aquecido e pela melhora das condições de acesso ao crédito.

Ainda na agenda de indicadores, teremos os números do setor externo e as estatísticas fiscais do setor público. Na terça (7), a Secex divulga o resultado da balança comercial de abril, que deve registrar superávit de US\$ 9,3 bi, superior ao de abr/23 (US\$ 7,5 bi), mantendo o superávit comercial acumulado dos últimos 12 meses acima de US\$ 100 bi. Já no âmbito fiscal, o BCB informou hoje cedo que o setor público consolidado apresentou ligeiro superávit primário de R\$ 1,2 bi em março. Contudo, a relação dívida bruta/PIB seguiu em alta, atingindo o patamar de 75,7% (ante 75,5%).

Na agenda corporativa, as maiores instituições financeiras do país dão sequência à divulgação de seus respectivos resultados referentes ao 1T24. Hoje, no fim dia, o Itaú divulga seu balanço, cuja expectativa é de um lucro líquido de R\$ 9,7 bi no período, que representa uma alta de 3,4% ante o trimestre anterior. Já o Banco do Brasil divulga seu resultado na quarta (8), com expectativa de lucro de R\$ 9,1 bi, queda de 3,3% no trimestre, afetado por eventos extraordinários que ocorreram no 4T23 (resultado do banco Patagônia impulsionado pela depreciação do peso argentino), além de algum aumento dos gastos com PDD, por conta da piora da inadimplência (e casos de RJ) entre produtores rurais. Ainda na semana, Pine (7), ABC (9), Inter (9) e Pan (10), dentre os bancos com capital aberto, divulgam seus resultados.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 1T24

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 1T24 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Itaú	06/mai	9.715,6	3,4%	15,2%
Pine	07/mai	-	-	-
Banco do Brasil	08/mai	9.128,8	-3,3%	6,8%
ABC	09/mai	224,3	-3,1%	18,1%
Inter	09/mai	165,8	3,8%	584,5%
Pan	10/mai	215,0	22,9%	24,8%
BTG Pactual	13/mai	2.876,1	5,4%	34,8%
Banrisul	14/mai	230,2	-24,3%	8,0%
Nubank	14/mai	-	-	-
BMG	15/mai	92,0	-25,8%	300,0%
XP	21/mai	1.108,1	6,5%	39,2%

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.

No cenário internacional, destaque para os dados da China, que trarão novas informações sobre a evolução de sua economia, em meio à desconfiança sobre a consistência da recuperação econômica do país. Na quinta (9), à noite, serão conhecidos os dados de abril da balança comercial, cuja expectativa é de leve alta de 1,5% nas exportações (ante abr/23), após forte queda em março (-7,5%). Já a expectativa para as importações é de alta de 4,5%, revertendo a queda de março (-1,9%). Na sexta (10), será a vez dos indicadores de preços ao consumidor (CPI) e ao produtor (PPI), que devem seguir próximos à estabilidade. Em conjunto, o baixo dinamismo das importações e da inflação, devem seguir indicando um crescimento modesto da demanda interna do país.

Nos EUA e na Zona do Euro, a agenda é relativamente esvaziada. Nos EUA, a semana traz dados secundários de atividade, como a prévia de maio da confiança dos consumidores (Universidade de Michigan) e o volume de estoques no atacado de março. Já na Área do Euro, na terça (7), será divulgada as vendas no varejo do mês de março, enquanto hoje cedo foi conhecido o índice PMI dos serviços, que voltou a subir em abril, indicando continuidade da retomada do setor na região neste ano.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
06/mai	BCB: Estatísticas Fiscais	Mar/24	R\$ -1,9 bi	R\$ -48,7 bi
07/mai	Secex: Balança Comercial	Abr/24	US\$ 9,3 bi	US\$ 7,5 bi
08/mai	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Mar/24	0,7% m/m -0,1% a/a	1,2% m/m 9,7% a/a
08/mai	Anfavea: Produção de Veículos	Abr/24	-	-11,8% a/a
08/mai	BCB: Reunião do Copom	-	10,50% a/a	10,75% a/a
08/mai	FGV: IGP-DI	Abr/24	-	-0,30% m/m -3,99% a/a
10/mai	IBGE: IPCA	Abr/24	0,35% m/m 3,66% a/a	0,16% m/m 3,93% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
05/mai	China	PMI Caixin Serviços	Abr/24	52,5 pts	52,7 pts
06/mai	Zona do Euro	PMI Serviços	Abr/24	52,9 pts	51,5 pts
07/mai	Zona do Euro	Vendas no varejo	Mar/24	0,7% m/m	-0,5% m/m
07/mai	EUA	Crédito ao Consumidor	Mar/24	US\$ 15,0 bi	US\$ 14,1 bi
08/mai	EUA	Estoques no atacado	Mar/24	-0,4% m/m	0,5% m/m
09/mai	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Abr/24	1,5% a/a 4,5% a/a	-7,5% a/a -1,9% a/a
10/mai	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Mai/24 – prévia	76,2 pts	77,2 pts
10/mai	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Abr/24	0,2% a/a	0,1% a/a
10/mai	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Abr/24	-2,3% a/a	-2,8% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indústria mostra leve retomada no 1T24 e mercado de trabalho segue aquecido

A produção industrial cresceu 0,9% em março, um pouco abaixo da expectativa (+1,2%). De toda forma, o resultado foi suficiente para levar o setor a registrar um modesto crescimento neste 1T24 (+0,3%), impulsionado pela produção de bens de capital (+10,2%), enquanto a produção de bens de capital (-2,8%) e duráveis (-4,2%) caiu em março.

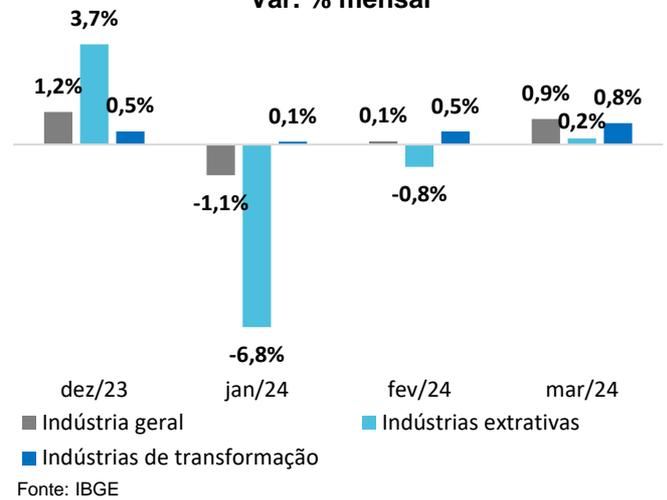
O crescimento do setor em março foi novamente puxado pela indústria de transformação (+0,8%), que registrou o quarto mês de alta. Já a indústria extrativa cresceu apenas 0,2%, após queda acumulada de 7,7% no primeiro bimestre do ano. Entre as categorias de produção, houve expansão da produção de bens intermediários (+1,2%) e semi e não duráveis (+0,9%) no mês; enquanto a produção de bens de capital (-2,8%) e duráveis (-4,2%) caiu em março.

Com o resultado do mês, o setor industrial cresceu 0,3% no 1T24, decomposto em um crescimento de 1,0% da indústria de transformação e queda de 3,9% da extrativa. Já entre as categorias de produção, o principal destaque do trimestre foi a indústria de bens de capital (+10,2%), mesmo com a queda em março. Com isso, a categoria interrompeu uma sequência de 6 trimestres em retração, sugerindo alguma retomada dos investimentos neste início de ano, em função do processo de flexibilização monetária. Na mesma direção, a produção de bens duráveis, também bastante sensível às condições financeiras da economia, mostrou crescimento relevante neste primeiro trimestre, de 5,3%.

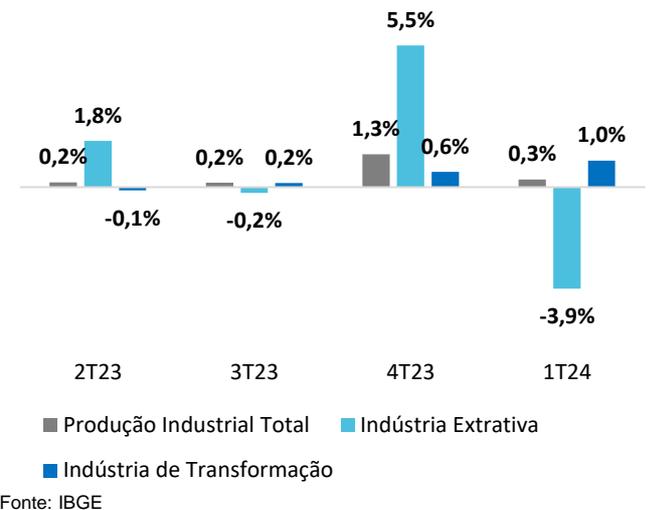
Os números do mercado de trabalho seguiram positivos, com continuidade do processo de alta da ocupação e dos rendimentos, fato que tem contribuído para a expansão do consumo das famílias. A taxa de desemprego, calculada pela PNAD (IBGE) ficou em 7,9% no trimestre encerrado em março, abaixo das expectativas (8,1%) e da taxa observada no mesmo período de 2023 (8,8%), além de ser a menor para o respectivo período desde 2014 (7,2%). Na série com ajuste sazonal, a taxa de desemprego cedeu de 7,5% para 7,3%, atingindo o menor patamar desde janeiro de 2015.

Ainda segundo a Pnad, o pessoal ocupado atingiu 100,2 milhões, alta de 2,4% ante o primeiro trimestre de 2023, liderada pelos empregados com carteira assinada (+3,5%), fato que tem reduzido, mesmo que de forma modesta, a informalidade da economia, que ficou em 38,9% (ante 39,0% no 1T23).

Quadro 1: Produção Industrial Var. % mensal



Quadro 2: Produção Industrial Var. % trimestral



Quadro 3: Taxa de Desemprego* % da População Economicamente Ativa



Já o rendimento médio dos trabalhadores registrou crescimento real de 4,0% na comparação anual, impulsionando a massa salarial, que subiu 6,6% em termos reais no mesmo comparativo.

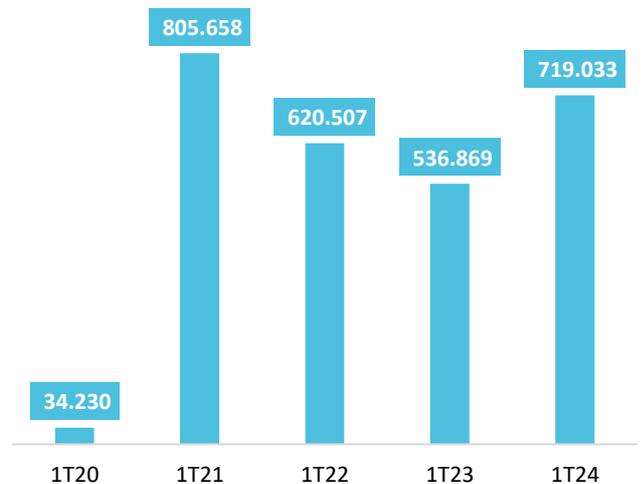
No setor formal, os números também seguem positivos, segundo o Caged. O Cadastro do Ministério do Trabalho apontou geração líquida de 244,3 mil vagas em março, acima do esperado (190,0 mil) e do registrado em mar/23 (194,3 mil). Com exceção da agricultura (-6,5 mil), todos os demais grandes setores registraram números positivos, com destaque para o de serviços, que gerou 148,7 mil vagas no mês. Com isso, o mercado formal de trabalho fechou o 1º trimestre com geração de 719,0 mil vagas, acima do observado no ano anterior (536,9 mil), e do registrado no mesmo período de 2022 (620,5 mil), quando o país ainda se recuperava dos efeitos da pandemia, reforçando os sinais de que o mercado de trabalho está aquecido.

Com relação às contas públicas, o Tesouro Nacional divulgou que o governo central registrou déficit primário de R\$ 1,5 bilhão em março, melhor do que o registrado em mar/23 (R\$ -7,4 bi), mas pior do que o esperado pelos analistas (R\$ +1,6 bi).

A melhora com relação a mar/23 (em termos reais) decorreu do forte crescimento da receita líquida (+8,3%), impulsionada pelo aumento da receita administrada pela RFB (+9,9%) e do recebimento de R\$ 6,1 bi (+152,7%) em dividendos, pagos especialmente pela Petrobras e a Caixa. Já do lado das despesas, a alta real foi de 4,3%, pressionadas pelos benefícios previdenciários (+6,0%) e de prestação continuada/LOAS (+18,5%). Tais altas foram parcialmente compensadas pela queda (-22,5%) das despesas com abono e seguro desemprego após alteração do cronograma de pagamento.

No acumulado do 1º trimestre, o governo central registrou superávit de R\$ 20,1 bi, o número mais baixo desde 2020, mesmo com o forte avanço das receitas, cuja alta real ficou em 9,1%. Isso porque, as despesas também seguem com um ritmo bastante elevado de crescimento (+12,7%). Bem verdade que parte de tal alta é reflexo da antecipação do pagamento dos precatórios em fev/24 (R\$ 30,1 bi), que se desconsiderado levaria a um resultado melhor no período (de R\$ 50,2 bi), mas ainda assim, abaixo do observado em 2022. Portanto, mesmo com o forte desempenho da arrecadação, a evolução das despesas tem impedido uma melhora mais acentuada das contas públicas. Por ora, o consenso do mercado projeta um déficit primário de 0,70% do PIB, razoavelmente acima da meta de déficit zero.

Quadro 4: Geração de Vagas Formais – Acumulado no 1º trimestre – em milhares



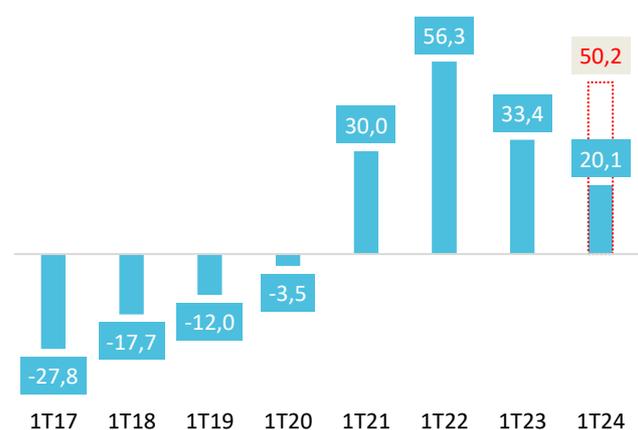
Fonte: Caged

Quadro 5: Resultado Primário do Governo Central em março (Em R\$ bi, ajustado pelo IPCA)



Fonte: Tesouro Nacional

Quadro 6: Resultado Primário do Governo Central no 1º trimestre (Em R\$ bi, ajustado pelo IPCA)



■ Sem efeitos dos precatórios

Fonte: Tesouro Nacional

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Payroll mais fraco que o esperado e falas de Powell impulsionam os mercados

Os ativos de risco seguiram em recuperação na semana beneficiados pelos dados do mercado de trabalho dos EUA (*payroll*) aquém do esperado, e pelo afastamento de uma chance, ao menos no curto prazo, de novas altas dos juros por parte do Fed. Com isso, os rendimentos das *Treasuries* norte-americanas despencaram ao longo da semana, cuja taxa do título de 2 anos caiu pouco mais de 0,25 pp, voltando a ficar abaixo de 5% aa. Além disso, os agentes voltaram a esperar que o Fed comece a reduzir os juros em setembro, além de precificarem novamente 2 quedas de 0,25 pp neste ano (a segunda na reunião de dezembro).

O *payroll* norte-americano registrou a criação de 175 mil vagas de emprego em abril, abaixo do esperado (+250 mil), sugerindo algum arrefecimento do segmento, que vinha se mostrando bastante resiliente. A taxa de desemprego subiu para 3,9%, onde era esperada estabilidade em 3,8%. Outro sinal de alívio foi dado pelos ganhos salariais médios, que desaceleraram em 12 meses, para 3,9% (ante +4,0%), menor valor desde mai/21 (+2,3%).

Na reunião do Fed, a taxa de juros foi mantida entre 5,25% e 5,50% aa como amplamente esperado, enquanto o comunicado indicou que falta ainda um progresso adicional do processo de desinflação em direção à meta de 2% aa. Na coletiva de imprensa, Jerome Powell, comentou que o início do ciclo de cortes não está próximo, revertendo declarações que havia feito quando o processo de desinflação estava mais evidente. De todo modo, os comentários não foram vistos como duros, uma vez que Powell também afastou a chance de nova alta dos *Fed Funds*, fato que já estava sendo cogitado por parte dos agentes, reforçando que o patamar atual dos juros é adequado para a condução da inflação para a meta.

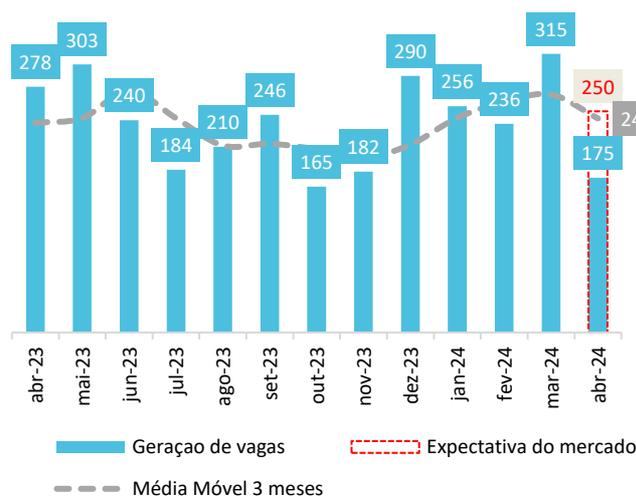
Na Zona do Euro, o PIB do 1T24 subiu 0,3% ante o trimestre anterior, acima do esperado pelo mercado (+0,1%) e o melhor resultado desde o 3T22 (+0,5%). A surpresa ocorreu nas principais economias do bloco, com destaque para Espanha (+0,7%), Itália (+0,3%) e Alemanha (+0,2%), a economia mais relevante. De toda forma, não altera de forma substancial a percepção que a economia do bloco tem apresentado baixo dinamismo. Em relação à prévia da inflação ao consumidor (CPI) de abril, o índice permaneceu estável em 2,4% no acumulado em 12 meses, conforme era esperado, e aumenta a probabilidade que o BCE comece a reduzir os juros em sua próxima reunião.

Quadro 7: EUA – Rendimentos das *Treasuries* de 2 e 10 anos – Em % aa



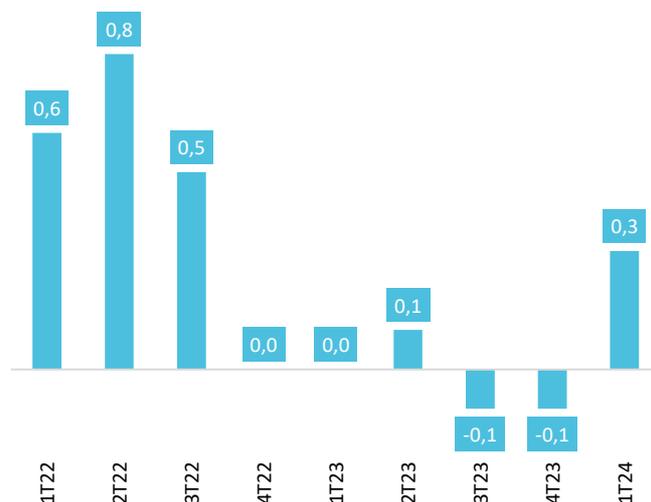
Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: Zona do Euro – PIB Var. % trimestral



Fonte: Bloomberg.

Nota de Operações de Crédito

CRÉDITO / BANCOS

Crédito PJ dá sinais de normalização e leva a nova aceleração da carteira total de crédito

O saldo total da carteira de crédito cresceu 1,2% em março, atingindo R\$ 5,9 trilhões ou 53,2% do PIB. Com isso, o ritmo de expansão anual do crédito voltou a acelerar, passando de 8,1% para 8,3%. O movimento é explicado principalmente pelo crédito PJ (de 4,4% para 5,6%), que dá sinais de normalização após o stress no segmento em 2023 em função do caso Americanas (entre outros grandes processos de Recuperação Judicial).

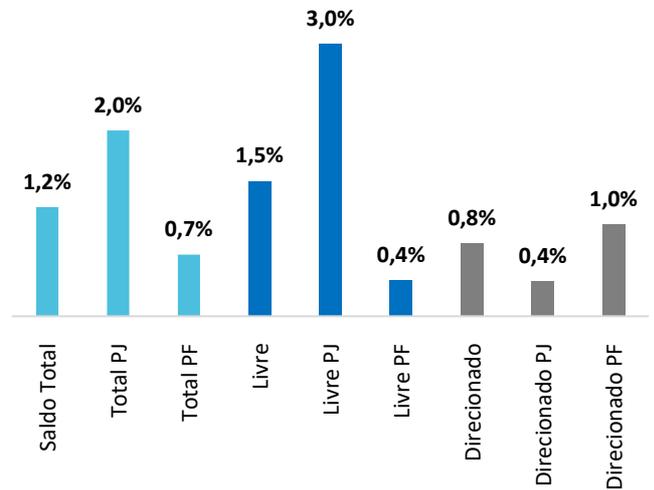
No mês, o crescimento foi puxado pelo crédito às empresas (+2,0%). A carteira livre apresentou alta de 3,0%, beneficiada pela sazonalidade de fim de trimestre nas linhas de desconto de recebíveis (+14,2%) e antecipação de faturas de cartão (+3,5%), mas com alta também em outras linhas relevantes, como ACC (+5,6%) e veículos (+1,1%). Já o crédito PJ direcionado cresceu 0,4% no mês, diante da continuidade do bom dinamismo das linhas que contemplam os programas públicos de crédito (+0,9%), como o Pronampe.

A carteira destinada às famílias, por sua vez, registrou alta mais contida no mês, de 0,7%. A carteira com recursos direcionados seguiu com bom ritmo de crescimento (+1,0%), com alta similar em suas principais linhas: rural (+1,1%) e imobiliário (+0,9%). Já a carteira PF com recursos livres mostrou alta mais discreta, de apenas 0,4%. De um lado, as linhas mais seguras seguiram em expansão, como veículos (+1,5%) e consignado (+0,7%); de outro, as linhas mais arriscadas, como cheque especial (-2,0%) e cartão rotativo (-1,3%), seguem com menor dinamismo. Tal fato sugere que as IFs seguem cautelosas, dando preferência pelas linhas mais seguras, dado o nível ainda elevado da inadimplência (apesar da melhora recente).

Em 12 meses, o ganho de tração da carteira total foi explicado principalmente pela aceleração da carteira PJ Livre, que passou de uma alta de 1,4% para 3,0%. Embora modesta, esta taxa é a maior desde jun/23 e decorre da normalização do segmento após o stress observado no ano passado. Na mesma direção, a carteira PJ direcionada também acelerou, passando de 10,0% para 10,5%, o maior ritmo de expansão do segmento desde meados de 2021, impulsionado pelo forte crescimento do crédito rural (+37,8%). Com isso, a carteira PJ total cresceu 5,6% em 12 meses (ante 4,4%). Já a carteira PF mostrou ligeira desaceleração (de 10,5% para 10,1%) na comparação anual, apesar de seguir com crescimento de 2 dígitos. Houve desaceleração tanto na carteira livre (de 8,7% para 8,2%), como direcionada (de 12,9% para 12,5%), movimento explicado, sobretudo, pelo arrefecimento das linhas rotativas.

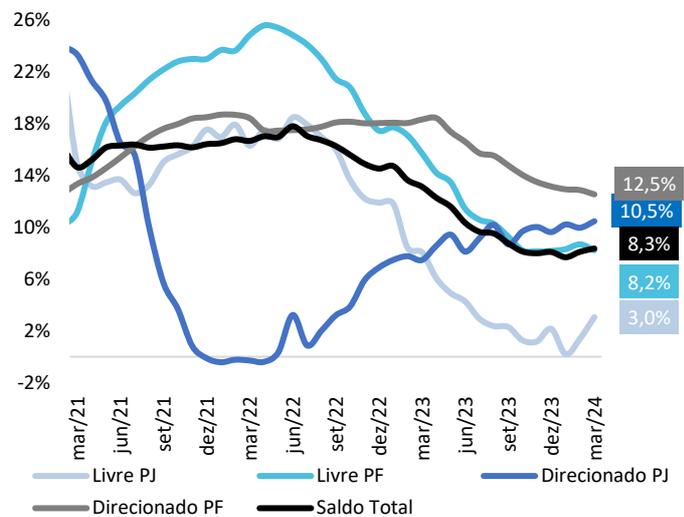
O volume total de concessões, por sua vez, cresceu 1,2% em março (com ajuste sazonal e de inflação), puxado pelas operações destinadas às empresas (+1,8%). Por outro lado, houve queda das concessões para às famílias (-0,5%). Com isso, o crescimento do volume total das concessões (nominal) também acelerou no acumulado em 12 meses, passando de 5,4% para 5,6%, indicando, assim como no saldo, algum ganho de tração do crédito ao longo de 2024.

Quadro 10: Saldo – Var.% mensal – Mar/24



Fonte: Bacen

Quadro 11: Saldo Total e Aberturas Var.% 12 meses



Fonte: Bacen

Em relação às condições de financiamento, a taxa média de juros do SFN subiu 0,3 pp, para 28,2% a.a., após 9 meses em queda. A alta do mês foi liderada pelas operações destinadas às famílias (+0,5 pp, para 32,9% a.a.), especialmente aquelas com recursos livres de maior risco, como o cartão rotativo (+9,3 pp, para 421,3% a.a) e o crédito pessoal não consignado (+4,5 pp, para 96,3% a.a.). Por outro lado, vale notar que as taxas de juros de algumas linhas mais seguras, como consignado (-0,3 pp, para 23,5% a.a.) e veículos (-0,4 pp, para 25,4% a.a.) seguiram em queda.

Já entre as empresas, a taxa média de juro ficou estável em 18,7% a.a., refletindo, de um lado, a queda das taxas das operações com recursos livres (-0,5 pp, para 20,9% a.a.), que por sinal, foi generalizada entre suas principais linhas; e, de outro, a alta nas operações direcionadas (+1,2 pp, para 13,3% a.a.), devido ao encarecimento das linhas com recursos do BNDES (+1,7 pp, para 14,3% a.a.).

Neste contexto, o spread médio do sistema também subiu, mas em menor proporção (+0,1 pp), para 19,4 pp. De forma similar, houve queda no spread para as empresas (-0,4 pp, para 8,7 pp), e alta nas operações para as famílias (+0,4 pp, para 24,6 pp).

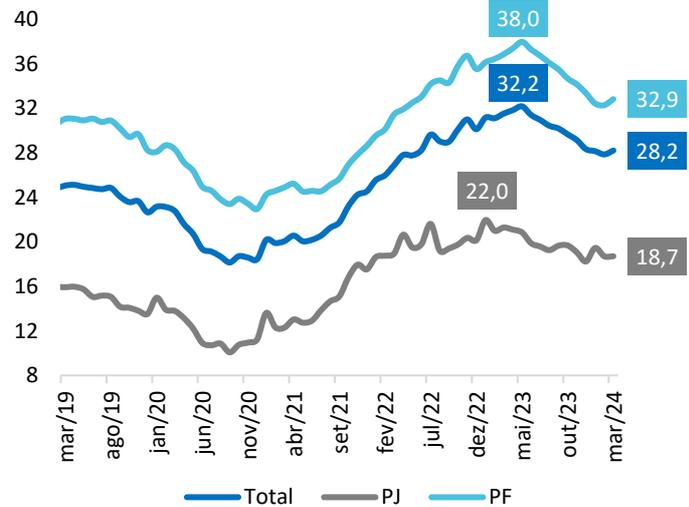
Já a taxa de inadimplência (>90 dias) geral do sistema ficou estável em 3,2%, com estabilidade também nas carteiras PF (3,6%) e PJ (2,6%). Contudo, houve ligeira melhora na carteira com recursos livres (-0,1 pp, para 4,5%), com queda de igual magnitude entre as famílias (para 5,4%) e empresas (para 3,2%). Com isso, vai se consolidando o processo de queda dos índices de inadimplência, embora ainda permaneçam em alto nível.

No geral, os números de março indicaram que o crédito ganhou alguma tração neste início de ano, reforçando a expectativa de um cenário mais positivo em 2024. O ganho de ritmo da expansão do crédito decorre principalmente da normalização da carteira PJ (após stress em 2023); enquanto a carteira PF tem mantido um ritmo de crescimento anual próximo a 10%. Contudo, neste caso, nota-se que as IFs ainda tem dado preferência por linhas menos arriscadas.

A inadimplência, por sua vez, seguiu mostrando alguma melhora, ainda que modesta. Já as taxas de juros e spreads subiram no mês, após 9 meses em queda. Neste caso, embora a expectativa seja de continuidade do movimento de queda, dado o ciclo de redução da taxa Selic, o movimento provavelmente é reflexo da piora recente dos mercados (abertura da curva de juros) e indica alguma cautela adicional das IFs quanto à evolução da economia.

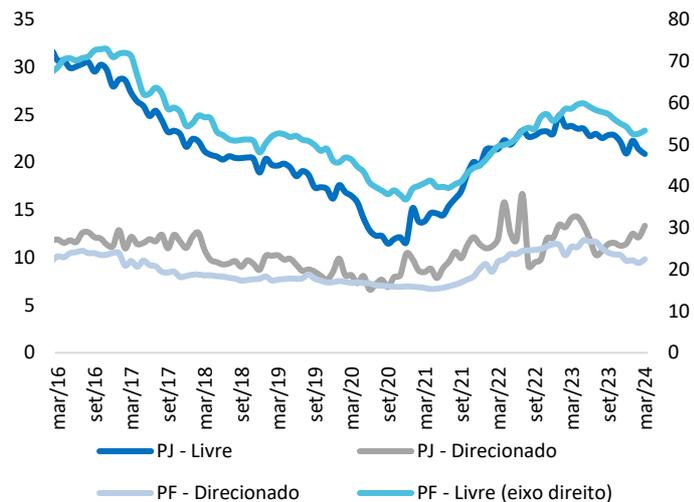
Para consultar um panorama mais detalhado das estatísticas de crédito, [clique aqui](#).

Quadro 12: Taxa de juros – Total, PF e PJ – Média do SFN – % aa



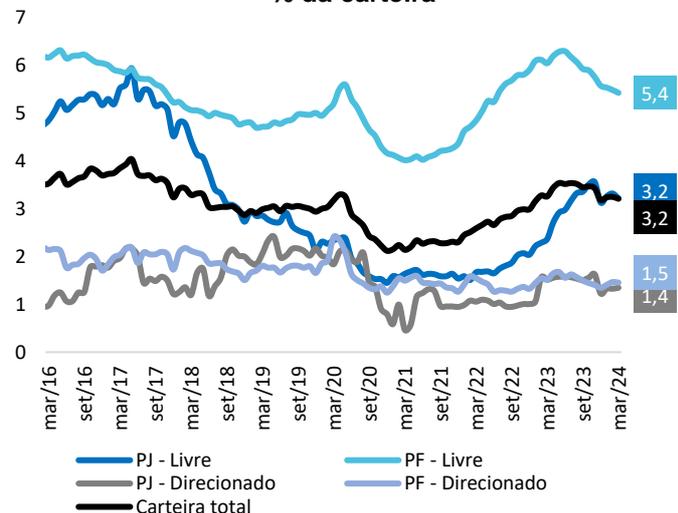
Fonte: Bacen

Quadro 13: Taxa de Juros – Aberturas Média do SFN – % aa



Fonte: Bacen

Quadro 14: Taxa de inadimplência (> 90 dias) – % da carteira



Fonte: Bacen

Resultado Corporativo 1º Tri/24 Santander

CRÉDITO / BANCOS

O Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 3,0 bilhões no 1º trimestre de 2024, alta de 37,1% no trimestre e de 41,2% em relação ao 4T23. O resultado foi um pouco melhor do que o esperado pelo mercado (R\$ 2,9 bi) e levou a rentabilidade anualizada (ROE) da IF para 14,1% no período, alta de 1,8 pp no tri e de 3,5 pp em 12 meses. Contudo, o indicador segue abaixo da média recente do banco (2016 a 2023), que é de 17,7%.

Na comparação com o trimestre anterior, o resultado foi puxado pela expansão da margem financeira (+7,3%), onde houve aumento da margem com clientes (+4,1%), beneficiada por maior volume de crédito e ligeiro aumento do spread médio (+0,28 pp, para 10,01 pp). Além disso, a queda da taxa Selic tem possibilitado alguma redução do custo de captação, que beneficia a margem com mercado, que voltou ao campo positivo (R\$ 333 mi) no 1T24, após ficar em terreno negativo desde o 2T22. Já as receitas com serviços e tarifas caíram 2,4% no trimestre, movimento comum no 1º trimestre dado o efeito sazonal negativo no período caracterizado por menores gastos das famílias, o que reduziu as receitas de cartões (-5,3%), principal linha das receitas. Adicionalmente, houve queda nos ganhos com corretagens e colocação de títulos (-17,0%) e seguros (-7,0%).

Do lado das despesas, houve um impacto positivo vindo da PDD, que caiu 11,6% no trimestre, em função da base de comparação mais alta no 4T23, quando houve impacto de um cliente específico do Atacado. De todo modo, a PDD também caiu na comparação anual (-10,7%), excluindo efeitos extraordinários no 1T23, em função da melhora das novas safras de crédito. Quanto às despesas operacionais, os gastos administrativos recuaram 10,8% ante o 4T23, levando a uma melhora do índice de eficiência (quanto menor, melhor) da IF, que caiu para 39,7% no 1T24 (ante 43,0%).

A carteira de crédito ampliada do Santander subiu 1,7% no trimestre e 8,1% em 12 meses, totalizando R\$ 654,0 bi. A alta anual foi puxada pela carteira destinada às famílias (+7,9%), que por sua vez foi liderada pelo crédito rural (+22,0%) e consignado (+16,8%). Vale destacar que a expansão foi concentrada em linhas mais seguras que contam com algum tipo de garantia, o que corrobora com a informação de melhores safras de crédito, que têm auxiliado a controlar a PDD. Já o crédito PJ subiu 1,0% ante o 1T23, com destaque para a carteira de pequenas e médias empresas (+11,2%), enquanto o crédito para as grandes empresas recuou no período (-3,5%).

Por fim, a inadimplência (acima de 90 dias) subiu 0,1 pp no trimestre, atingindo 3,2% da carteira total, puxado pela carteira PJ (+0,1 pp, para 1,5%) e com estabilidade (em 4,3%) na carteira PF. Já os atrasos totais (entre 15 e 90 dias) ficaram estáveis em 3,8%, com melhora na carteira PF (-0,1 pp) e alta em PJ (+0,3 pp), indicando que a principal atenção seguirá voltada para a carteira destinada às empresas, principalmente as PMEs.

Quadro 15: Resultado 1T24 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	1T23	4T23	1T24	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	1.049.270	1.153.196	1.169.476	1,4%	11,5%
TVM	240.908	277.066	283.645	2,4%	17,7%
Depósitos	429.480	475.702	472.913	-0,6%	10,1%
Patrimônio Líquido	82.701	86.084	87.029	1,1%	5,2%
DRE¹					
Margem Financeira Bruta	12.916	13.780	14.790	7,3%	14,5%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-11.000	-6.837	-6.043	-11,6%	-45,1%
Receitas com serviços e tarifas	4.332	5.007	4.886	-2,4%	12,8%
Despesas de pessoal	-2.777	-2.952	-3.059	3,6%	10,2%
Despesas administrativas	-3.220	-3.630	-3.238	-10,8%	0,6%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-1.601	-2.205	-2.532	14,9%	58,2%
IR/CSLL	273	334	-484	-245,1%	-277,7%
Lucro/Prejuízo do período ²	2.140	2.204	3.021	37,1%	41,2%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	10,6%	12,3%	14,1%	1,8 pp	3,5 pp
ROAA	0,8%	0,9%	1,0%	0,1 pp	0,2 pp
Índice de eficiência	41,1%	43,0%	39,7%	-3,3 pp	-1,4 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito	500.314	516.618	525.353	1,7%	5,0%
PF	228.735	239.880	246.717	2,9%	7,9%
PJ	204.447	207.012	206.425	-0,3%	1,0%
PMEs	61.957	67.409	68.883	2,2%	11,2%
Grandes empresas	142.490	139.604	137.542	-1,5%	-3,5%
Financiamento ao consumo	67.133	69.725	72.211	3,6%	7,6%
Carteira de crédito ampliada ³	605.063	643.040	654.020	1,7%	8,1%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	38.481	35.375	34.796	-1,6%	-9,6%
Provisão adicional de PDD	3.763	2.045	2.164	5,9%	-42,5%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	1,8%	1,1%	0,9%	-0,1 pp	-0,9 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	6,4%	5,5%	5,3%	-0,2 pp	-1,0 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,2%	3,1%	3,2%	0,1 pp	0,0 pp
Cobertura > 90 dias	244,1%	222,5%	209,5%	-13,0 pp	-34,6 pp
Índice de Basileia	13,8%	14,5%	14,5%	0,0 pp	0,7 pp

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.

Resultado Corporativo 1º Tri/24 Bradesco

CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 4,2 bilhões no 1º trimestre de 2024, o que representa uma alta de 46,3% ante o trimestre anterior, mas uma ligeira queda (-1,6%) ante o mesmo período do ano anterior. De toda forma, o resultado veio acima do esperado (R\$ 3,8 bi). Já a rentabilidade patrimonial (ROE) do banco subiu 3,3 pp no trimestre e atingiu 10,2%, porém, ainda em baixo patamar histórico (média de 16,2% entre 2017 e 2023).

No trimestre, o resultado foi beneficiado pela queda de 25,8% dos gastos com PDD, em função do recuo da inadimplência e da melhora da qualidade das novas safras de crédito, segundo o banco. Como comparação, enquanto no período entre o 4T22 até o 4T23 a PDD do banco ficou, em média, em R\$ 10,9 bi por trimestre, neste 1T24 caiu para R\$ 7,8 bi.

Contudo, as receitas ainda seguem com desempenho modesto. A margem financeira caiu 6,1% ante o 4T23, refletindo, em maior escala, a queda da margem com clientes (-5,9%). Tal recuo decorre do baixo dinamismo da carteira de crédito, cujo saldo médio caiu 1,1% no período; assim como, a redução do risco da carteira, que impactou o spread médio, que caiu 0,3 pp no trimestre, para 8,5%. Outros impactos negativos vieram das menores receitas com seguros (-15,8%) e serviços (-1,8%). No caso dos seguros, pesaram a queda (-0,5%) nos prêmios ganhos e a alta das despesas de comercialização (+23,7%). No caso dos serviços, a queda veio da redução (-2,2%) das rendas com cartão, devido à sazonalidade do 1º trimestre.

Já as despesas operacionais caíram 10,5% no trimestre. Porém, ainda assim, o índice de eficiência piorou, ao subir 1,0 pp no trimestre, para 49,7%.

A carteira de crédito ampliada ficou praticamente estável tanto na comparação com o 1T23 (+1,2%), como em relação ao trimestre anterior (+1,4%). Segundo o banco, a carteira de crédito atingiu um ponto de inflexão no 1T24, iniciando uma trajetória de crescimento após recuo em 2023. A alta em 12 meses foi puxada pelo crédito destinado às pessoas físicas (PF), em linhas com garantia, como o crédito rural (+17,1%), financiamento imobiliário (+5,8%) e consignado (+4,5%). Já o saldo do cartão de crédito caiu 4,5% no mesmo período. A carteira PJ, por sua vez, subiu 0,7%, com a alta de grandes empresas (+1,6%) mais do que compensando a queda (-1,2%) no crédito para micro, pequenas e médias empresas (MPMEs).

Em relação à qualidade da carteira, a taxa de inadimplência caiu 0,2 pp no trimestre e atingiu 5,0% da carteira, menor patamar desde o 4T22 (4,3%). Tal melhora veio do segmento PF (-0,4 pp, para 6,4%) e de MPMEs (-0,4 pp, para 5,5%), que mais do que compensaram a alta na inadimplência das grandes empresas (+0,4 pp, para 1,5%). Já os atrasos (15 a 90 dias) ficaram estáveis em 4,1% da carteira, mas apontaram alta na carteira PF (+0,3 pp), o que sugere ainda alguma cautela quanto à trajetória da inadimplência da IF ao longo do ano.

Quadro 16: Resultado 1T24 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	1T23	4T23	1T24	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	1.864.026	1.964.052	2.000.076	1,8%	7,3%
TVM	730.525	808.992	803.665	-0,7%	10,0%
Depósitos	589.001	623.804	608.644	-2,4%	3,3%
Patrimônio Líquido	157.156	162.977	162.311	-0,4%	3,3%
DRE¹					
Margem Financeira	16.653	16.128	15.152	-6,1%	-9,0%
Margem com Clientes	16.965	15.432	14.522	-5,9%	-14,4%
Margem com Mercado	-312	696	630	-9,5%	-301,9%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-9.517	-10.524	-7.811	-25,8%	-17,9%
Receitas de prestação de serviços	8.746	9.028	8.861	-1,8%	1,3%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	3.669	4.745	3.997	-15,8%	8,9%
Despesas de pessoal	-6.031	-6.516	-6.368	-2,3%	5,6%
Despesas administrativas	-5.418	-5.972	-5.483	-8,2%	1,2%
IR/CSLL	-499	390	-675	-273,1%	35,3%
Lucro/Prejuízo do período ²	4.280	2.878	4.211	46,3%	-1,6%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	10,6%	6,9%	10,2%	3,3 pp	-0,4 pp
ROAA	0,9%	0,9%	0,8%	-0,1 pp	-0,1 pp
Índice de eficiência	45,9%	48,7%	49,7%	1,0 pp	3,7 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	879.283	877.285	889.918	1,4%	1,2%
PF	365.312	365.442	372.556	1,9%	2,0%
PJ	513.972	511.844	517.362	1,1%	0,7%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	53.618	50.225	48.417	-3,6%	-9,7%
Despesa PDD/Carteira de crédito	1,1%	1,2%	0,9%	-0,3 pp	-0,2 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	6,1%	5,7%	5,4%	-0,3 pp	-0,7 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	5,1%	5,2%	5,0%	-0,2 pp	-0,1 pp
Índice de Basileia	15,1%	15,8%	15,4%	-0,4 pp	0,3 pp
Cobertura > 90 dias	182,4%	165,4%	163,7%	-1,7 pp	-18,7 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.

**Relatório de Estabilidade Financeira (REF)
2º semestre de 2023**

CRÉDITO / BANCOS

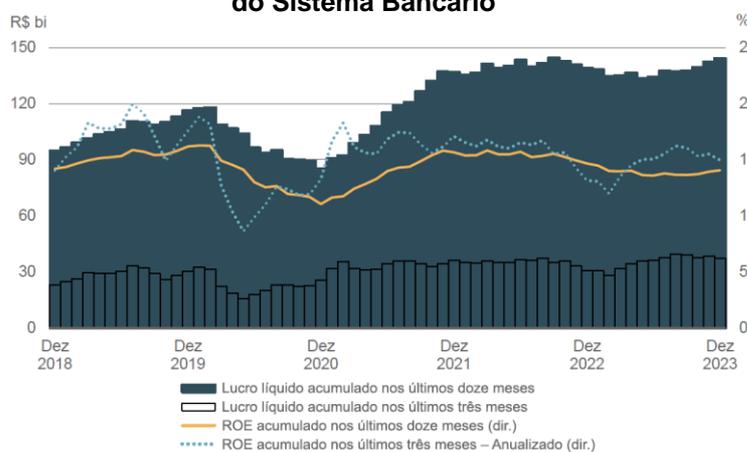
O Banco Central do Brasil (BCB) divulgou, na última terça-feira (30), o [Relatório de Estabilidade Financeira \(REF\) referente ao 2º semestre de 2023](#). A publicação traz uma análise detalhada do Sistema Financeiro Nacional (SFN) sob diversas óticas, como liquidez, solvência, rentabilidade, mercado de crédito, etc.

A principal conclusão do documento é que o Banco Central do Brasil considera que não há risco relevante para a estabilidade financeira, pois o SFN permanece com níveis de capitalização e liquidez confortáveis e provisões adequadas ao nível de perdas esperadas. Adicionalmente, o REF também aponta que os testes de estresse reforçaram a robustez do sistema bancário brasileiro. Abaixo os principais destaques do relatório:

Rentabilidade: apresentou tímida recuperação no 2º semestre de 2023 e possui perspectiva positiva para 2024. O ROE acumulado de 2023 do SFN ficou em 14,1% (ante 14,7% em 2022). Segundo o BCB, na segunda metade do ano houve estabilidade das despesas com provisão e administrativas, que estavam em alta; assim como das receitas operacionais, que neste caso, estavam em queda.

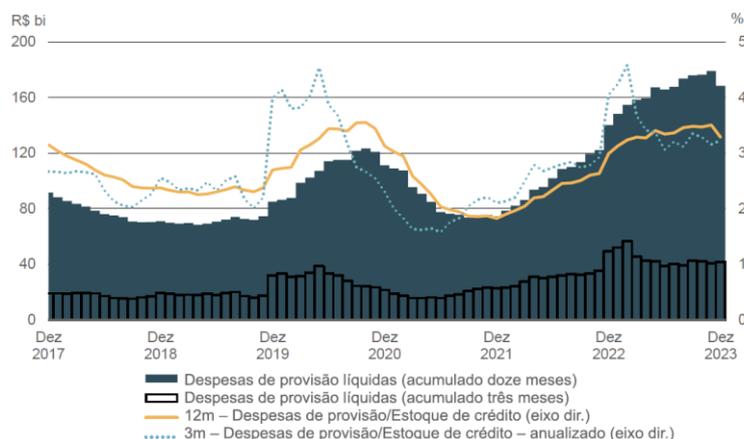
Adicionalmente, a perspectiva é positiva para 2024 e reflete a melhora da qualidade das concessões, que deve implicar em menores gastos com provisão, além da queda do custo de captação das IFs, aumento da demanda por crédito e serviços bancários, e maior controle sobre as despesas administrativas, diante do arrefecimento da pressão inflacionária na economia.

Quadro 17: Lucro Líquido e Rentabilidade (ROE) do Sistema Bancário



Fonte: REF/Bacen

Quadro 18: Despesas de Provisão (PDD)



Fonte: REF/Bacen

Crédito: o crescimento do crédito continuou desacelerando, mas há sinais de estabilização em tal processo. Na carteira PF, houve estabilização de tal movimento em linhas como cartão de crédito e crédito pessoal não consignado; e, aceleração na carteira de veículos. Entre as PJs, houve suavização do processo de desaceleração na carteira das empresas de menor porte (MPMEs), enquanto houve inversão da tendência de queda do crédito bancário para as grandes empresas. Ainda, o mercado de capitais segue como fonte relevante de financiamento para este grupo de empresas. Quanto ao apetite aos risco das IFs, o BCB também notou alguma estabilidade, após período de maior conservadorismo nos critérios das novas contratações.

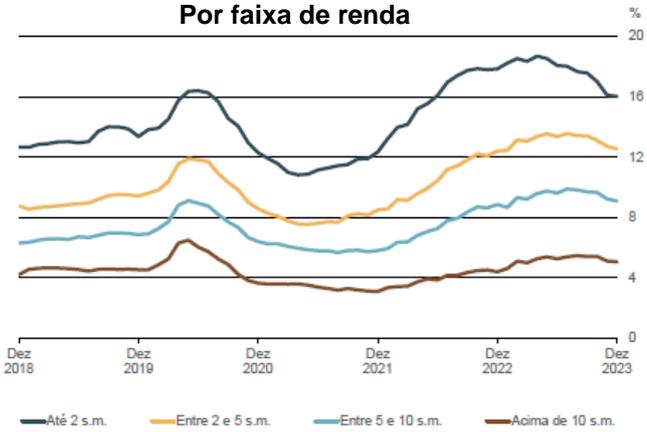
O REF também aponta que espera manutenção da tendência de queda da materialização de riscos na carteira PF. O BCB afirma que houve manutenção de uma maior qualidade das concessões, redução da participação de linhas mais arriscadas e redução da estimativa de probabilidade de default (PD). Este quadro já tem provocado alguma queda do volume dos Ativos Problemáticos (APs), inclusive entre as famílias de menor renda. E a expectativa do BCB é que este movimento continue.

Já entre as MPMEs, a materialização de risco tende a se manter estável nos próximos meses, dada a manutenção dos critérios de contratação recente. Por outro lado, entre as grandes empresas, tem ocorrido queda do volume de APs, movimento segundo o BCB que é explicado pelas baixas a prejuízo na carteira, que tem superado os recentes casos de inadimplência.

**Relatório de Estabilidade Financeira –
2º semestre de 2023**

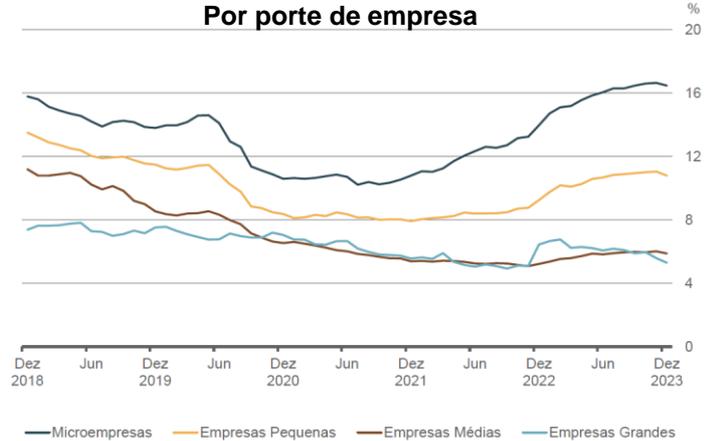
CRÉDITO / BANCOS

**Quadro 19: Ativos Problemáticos – PF
Por faixa de renda**



Fonte: REF/Bacen

**Quadro 20: Ativos Problemáticos – PJ
Por porte de empresa**



Fonte: REF/Bacen

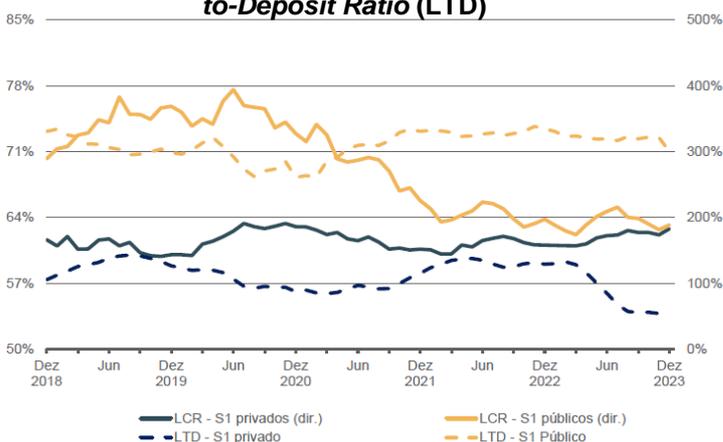
Liquidez: as IFs permanecem com nível de liquidez adequado para o regular funcionamento do sistema de intermediação e a manutenção da estabilidade financeira. Tal constatação decorre do fato que as captações mantiveram seu ritmo de crescimento, enquanto o ritmo de expansão do crédito bancário desacelerou. A valorização dos TVMs também ajudou a elevar os níveis de liquidez.

As captações mantiveram seu crescimento lideradas pelos depósitos à prazo e instrumentos com isenção tributária (LCA/LCI), enquanto a caderneta de poupança seguiu sofrendo saques. Adicionalmente, persistiu a redução da concentração de mercado da captação do sistema, devido ao avanço das plataformas de investimento, cujo volume de captação cresceu 17,3% no ano através desse canal. Com isso, a participação dos bancos do segmento S1 nas captações totais seguiu em queda, passando de 75% em 2019 para 68% em 2023.

Solvência: o sistema bancário mantém-se sólido e apto a sustentar o financiamento da economia. Os índices de capitalização seguem confortavelmente acima dos mínimos regulamentes, sendo que 96,2% das IFs são capazes de atender ao requerimento mínimo de Patrimônio de Referência (PR) usando apenas o Capital Principal (CP), de melhor qualidade.

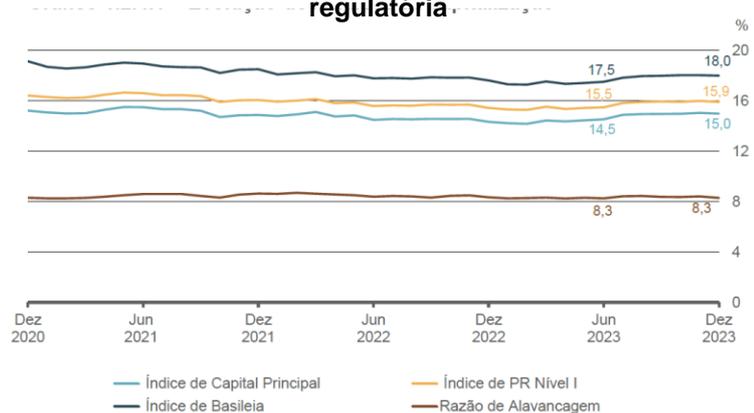
O BCB ampliou o escopo das IFs abrangidas neste relatório, incluindo entidades não bancárias, instituições de pagamento (IPs) e cooperativas de todos os segmentos prudenciais. Tal mudança decorre do novo arcabouço prudencial estabelecido pelo BCB na Resolução 197/2022, que tornou a exigência de capital mais adequada aos riscos incorridos pelos conglomerados liderados por IPs. Por fim, o BCB pontua que o aprimoramento dos procedimentos para o cálculo dos ativos ponderados pelo risco (RWA) referente ao risco de crédito, decorrente da Resolução 229/2022, contribuiu para aumentar o capital do sistema.

Quadro 21: Liquidity Coverage Ratio (LCR) e Loan-to-Deposit Ratio (LTD)



Fonte: REF/Bacen

Quadro 22: Índices de Capitalização e Exigência regulatória



Fonte: REF/Bacen



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	03/05/24	26/04/24	05/04/24	Viés	03/05/24	26/04/24	05/04/24	Viés
IPCA (%)	3,72	3,73	3,76	▼	3,64	3,60	3,53	▲
PIB (% de crescimento)	2,05	2,02	1,90	▲	2,00	2,00	2,00	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	9,63	9,50	9,00	▲	9,00	9,00	8,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	4,95	↔	5,05	5,05	5,00	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	03/05/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,07	-0,86%	-2,33%	4,43%	1,78%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	139,45	-8,29%	-7,35%	5,27%	-38,97%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,40	-0,61%	-0,61%	-10,75%	-23,84%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,16	-0,73%	-2,27%	1,18%	-19,85%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,20	-1,83%	-3,27%	11,14%	-4,43%
Índice Ibovespa (em pontos)	128.508,67	1,57%	2,05%	-4,23%	25,77%
IFNC (setor financeiro)	12.856,27	1,53%	2,73%	-6,86%	24,02%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	4,76%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,82	-3,55%	-4,35%	13,32%	27,06%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,51	-3,33%	-3,68%	16,20%	33,42%
Dollar Index	105,03	-0,86%	-1,12%	3,65%	3,58%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.127,79	0,55%	1,83%	7,50%	26,26%
Índice de ações de bancos – EUA	100,52	2,49%	5,09%	-8,22%	27,74%
Índice Euro Stoxx 50	4.921,48	-1,71%	0,01%	8,85%	14,80%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	141,38	-2,27%	-0,18%	19,46%	42,53%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	82,96	-7,31%	-5,58%	7,68%	14,43%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira